



## Relato Expedição Recife - Fortaleza em caiaque oceânico

Agnaldo Gomes e Christian P. Fuchs

22 de julho a 12 de agosto de 2007

22 dias

820 km

Chegamos em Recife no dia 19/7, um dia após o acidente da Tam e nem precisa falar, que o clima tava tenso no vôo... Recife pareceu bastante agradável e deparamos com vento S - SE forte nos dois próximos dias de preparação, contrariando as nossas expectativas. Conversamos com vários velejadores em SP, que sempre nos aconselharam a fazer de Recife a Salvador, que as condições estariam favoráveis. Apesar de ter lido o contrário no atlas de cartas piloto (que não botei muita fé nele, mas estava totalmente correto) resolvemos fazer os planejamentos pra rumar para o sul mesmo. Essa idéia foi se dissipando depois da conversa com jangadeiros e velejadores locais (Maurício e Emílio), inclusive o organizador da Refeno, a tradicional Regata Recife - Fernando de Noronha. E todos falaram categoricamente: com embarcação pequena vc simplesmente não vai pro sul! Não existe vento NE nessa época e a corrente é de S tb. Depois de muito confabular, decidimos mudar tudo! Vamos para o norte então! Eu estava mais resistente que o Agnaldo, mas não adianta lutar contra a natureza. Ainda bem que não fechamos com a revista Terra, o que tornou a nossa decisão mais leve. Tivemos só que ligar pro pessoal que combinamos de encontrar no meio do caminho. Só o Gustavo, que iria acompanhar a gente de Porto de Galinhas a Maceió, teve que fazer o trecho sozinho com um amigo... uma pena, mas não teve jeito. Deixa esse trecho pro verão, com vento em popa.

Essa é a época de mais vento e praticamente ninguém veleja por lá, muito menos rema! Não existe vento NE e constatamos isso os 22 dias de remada. Não existe tempestades tb e o clima não tem altos e baixos. Bastante previsível.

Ainda fomos conhecer Olinda no dia 21 sábado, compramos um guia de praias na última hora, xerocamos umas cartas na marina Cabanga, plastificamos tudo com contact e vamos para o norte! Que bom ser livre pra poder mudar o planejamento radicalmente assim, de uma hora pra outra!



Domingo 22 - Acordamos as 5:30 (aqui o sol nasce as 5:30 e as 17:15 já tá escuro) e fomos preparar o "Juatinga" pra partida, do iate clube Cabanga, no Recife. Tava bem encoberto, mas não estava chovendo e as 7:30 já estávamos navegando para a saída do porto de Recife. Um pouco antes de

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



sair, pegamos uma chuva danada, que acabou com a nossa visibilidade e tivemos que sair meio "no rumo", torcendo para não pegar nenhum navio entrando no porto, que certamente não nos veria no meio daquelas ondas de 1 metro, com mar bastante mexido. Em mais meia hora já conseguimos avistar Olinda e aí foi tranquilo, com vento de leste, de través pra nós, até o final da ilha de Itamaracá, na enseada dos golfinhos, que foi o nosso destino do primeiro dia. No final da tarde ainda pegamos uma tempestadezinha e o vento virou de sul com 20 nós, empurrando a gente com tudo pro norte. A vela que a gente desenvolveu foi fantástica! Chegamos a atingir velocidade média de 11 km/h, com os dois remando e a velinha de pouco mais de 1 metro quadrado. Hoje foram 45 km no total. A noite e ventou e choveu demais. Não cruzamos com nenhuma barbatana preta na nossa frente...

Dormimos no seu Lourenço, que nos cedeu uma choupana de palha. Um luxo!



Segunda 23 - já logo de manhã cruzamos para o estado da Paraíba e a paisagem modificou. Enquanto o norte de Pernambuco é cheio de praias longas, lotadas de bares, a Paraíba começou com bastante falésias e um visual mais bonito. Navegação sempre por dentro dos recifes, que ficam a 1 km da costa. Mar sempre tranquilo.

com duas velas (únicas no Nordeste), que diz o seu Maruá, que anda mais que as traineiras a motor. Eu acredito!

O pessoal daqui é extremamente hospitaleiro e sempre nos recebem muito bem. Paramos em Carne de Vaca pra comprar frutas e um chapéu de palha. Terminamos a remada na praia Bela, entre falésias e na beira de um riacho formando lagoas atrás da praia. Coisa linda! Aportagem meio quebra coco grande, mas deu pra entrar. Quebrou uma vareta da barraca e o Agnaldo armou ela mesmo assim, meio de qualquer jeito. Eu resolvi dormir na praia, com o céu estrelado, lindo! Até as duas da manhã... quando desabou uma chuvarada dos infernos, eu peguei o meu saco de dormir e entrei na barraca todo molhado, depois de ter enfiado alguns espinhos no pé e ensangüentado a barraca inteira... aí foi o resto da noite com goteiras, mas resolvemos esquece-las e dormir. Lá pelas 4 da manhã o vento para e os mosquitos atacam. Ainda bem que a temperatura é alta. Esse dia deu por volta de 42 km e a vela ajudou bastante.

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



Terça 24 - Saímos com o mar mais alto, pois essa praia Bela já não possuía recifes em frente e ondas de 1 metros quebravam praticamente na areia. Por sorte não pegamos onda nenhuma. Passamos pela praia de Tambaba, de nudismo, mas não tinha nenhum peladinho por lá... também, as 8 da manhã... os maruins iriam adorar! Almoçamos um maravilhoso PF na ponta do Seixas, o ponto mais oriental do Brasil. Aqui o sol nasce antes! O plano era dormir mais pra frente, mas resolvemos parar antes, em João Pessoa, e arrumar todo o equipamento molhado das aventuras noturnas da última noite.

A cidade nos pareceu bem aprazível e o pessoal sempre bastante solícito. Claro que ninguém acredita quando a gente fala que veio no caiaque... Vento SE de 15 nós. Começou a doer o meu ombro e eu pensei que ia ter problemas, mas foi só acertar a remada, concentrar o movimento no tronco, que zerou tudo. O Agnaldo tb desistiu da luva e nem fez falta pro resto da viagem. Em viagens longas vc sente a diferença que faz um reminho bom! Os Werner são caros mas vale cada centavo. Desenvolvi uma cobertura na manga da camisa de lycra pra parte superior da mão, pra proteger do sol, que ficou bem boa. 35km.



Dia 25 - saímos cedo de João Pessoa, que nos agradou bastante como cidade grande, em um clima bem tranquilo, e rumamos norte com proteção da barreira de recifes até sair deles e pegar o mar um pouco mais mexido, mas nada de muito agitado. Na praia de Lucena paramos para um almoço e ficamos acompanhando a comunidade pescando com uma técnica que há muito

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeriaoutdoor.com.br](http://www.aroeriaoutdoor.com.br)

11 4402 1541



não se vê em São Paulo: uma jangada leva uma rede de 90 braças para fora e os pescadores as puxam com cordas de volta pra praia, trazendo bastante sargaço e camarões e peixes. Como o dia tinha rendido bem, demos um belo relax na praia e seguimos pra praia de Coqueirinho mais tarde. Uns 3 km antes veio uma

surpresa: deveríamos entrar na baía da praia de Coqueirinho, mas havia uma barreira de corais que não acabava nunca e o mar explodindo alto e bem agitado. Quando uma onda maior nos levantava, dava pra ver uma lagoa calma e tranqüila depois dos recifes. Encontramos afinal a entrada e paramos até numa prainha atrás dos recifes pra descansar um pouco. Por sorte, tínhamos passado apenas um pouco da praia de Coqueirinho, que não possui luz elétrica e é bem pouco movimentada (como a gente gosta!). Dona Maria, de 82 anos e muito engraçada, fez um peixinho frito com arroz pra gente e dormimos felizes da vida, debaixo de um ranchinho de palha dela. Só moram por volta de 6 caiçaras na vila, sem nem luz elétrica. O resto são casas de veraneio. Apesar do Ibama querer tirar todos de lá, gente influente continua com as casas de veraneio lá... os pobre pagam o pato! Nesse dia o Agnaldo jurou que tinha visto uma foca (e das grandes!) sair da água, do lado do caiaque. Depois que fomos ligar os pontos: perto de Coqueirinho está a Barra de Mamanguape, uma base de preservação do Peixe boi, que tem quase uma tonelada e vive nos rios, mas sai pro mar tb. Dona Maria nos falou que provavelmente era o Xuxu, o peixe boi mais antigo da reserva, que vive solto. Vento forte de SE e 42 km de percurso.



Dia 26 - acordamos as 5, como todo mundo aqui, pois já ta claro, e em meia hora de remada passamos por Baía da Traição, que é totalmente turística. O vento não tava a fim de ajudar muito de manhã... Incrível como Coqueirinho permanece quase selvagem, sendo tão perto de Traição...

A parte da manhã foi um desafio contra o sono... pouco vento, muito sol, um bafo danado e uma praia bem bonita, com falésias, mas com ondas violentas.

Resolvemos não arriscar uma parada e continuamos por 6 intermináveis horas, com vagas grandes até a primeira praia de RN, Sagi. A primeira vista, parecia que o mar não estava muito amigável, mas depois vimos umas jangadinhas e barcos de pesca ancorados atrás dos recifes e deduzimos que daria para aportar, que até que foi tranqüilo. A saída é que pegou! As ondas estavam com um metro de altura, quebrando bastante forte e na primeira tentativa, tivemos que desistir e voltar, pra tirar a água do barco que tinha inundado. Na segunda, empurrei o barco contra as ondas, já com o Agnaldo a postos e de saia vestida, quando entraram 3 ondas gigantes, que o golpearam no peito sem dó. Como o barco meio alagado, o

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



coração na boca, conseguimos sair e foi quando demos conta que tínhamos perdido um membro da expedição: a minha carranquinha de tantos anos e viagens não resistiu o impacto das ondas e se foi... Morreu lutando bravamente! Fizemos um minuto de silêncio pra ela... De acordo com os caiçaras de Sagi, a Barra de Cunhaú deveria estar muito perigosa e nos recomendaram entrar em Sibaúma. Chegamos em Cunhaú as 5 da tarde, achamos até uma possibilidade de entrada meio apertada nos recifes, mas demarcada por um pau e resolvemos checar mais pra frente, quando nos demos conta que já estava quase escuro e não seria nada confortável, ter que encontrar a próxima entrada no escuro. Optamos voltar um pouco e entrar na primeira entrada mesmo. Já escuro, dona Nova nos levou para a futura pousada do Sr Humberto, que nos recebeu muito bem e demos várias risadas com os projetos mirabolantes da pousada. O povo daqui realmente é muito hospitaleiro. A intensão era ter chegado em Pipa, mas já tínhamos remado 58km no dia, deduzi que fiz algum erro no calculo das distancias pela carta náutica, que não traz todas as praias. O próximo dia que seria de descanso, resolvemos então ir até Pipa. O caminho de jipe de Sagi pra Barra de Cunhaú pareceu bem bonito, feito por dunas e falésias, com cata ventos gigantes no caminho.



Dia 27 - Tomamos um café da manhã tranquilos e nos informamos como sair da barra de Cunhaú, que da terra não parecia estar muito grande, apesar da previsão das ondas ser de mais de 2 metros. E foi aí que eu tomei o maior banho da minha vida! Preparamos tudo e fomos saindo pelo canal com maré enchente, depois de ter checado com os caiçaras a viabilidade. O canal foi se estreitando e as arrebentações do lado direito e esquerdo começaram a se aproximar bastante, com um tamanho já bastante considerável (já passando pro assustador), apesar de não tão forte. Foi quando um vagalhão enorme estourou na nossa frente e nos arrastou de ré de volta, capotando o barco. Agarramos os remos e o barco, para tentar não perder nada, enquanto outras ondas atropelavam a gente. O Agnaldo subiu no caiaque alagado e eu fiquei de ancora de proa, que nem uma rabiola de pipa, pra não deixar o barco virar de lado pra ondas e devagar fomos voltando na barra, até eu conseguir entrar no caiaque alagado tb e voltarmos são e salvos pra terra firme! Foi um susto danado! Santo Marcos, projetista da Original Kayaks, que além dos compartimentos de carga, projetou mais duas câmeras estanques somente para flutuação, que

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



nos salvou a pele. Mesmo com o barco totalmente submerso e com uns 200 litros de água, conseguimos retornar à terra, com o Juatinga são e salvo! A maior preocupação era ser jogado em cima dos recifes... com o caiaque pesado daquele jeito, a mobilidade fica bastante restrita.

Após uns bons minutos de recomposição, resolvemos sair então pela entrada que entramos e realmente foi muito mais fácil, quando demos volta por fora da barra é que pudemos ver o tamanho das ondas! Cruz credo! O mar tinha crescido consideravelmente e as 10 começou a ventar forte (uns 20 nós) e vira e mexe uma vaga passava por cima do caiaque, mas sem muito perigo. Chegamos na Pipa após 2 horas mas não nos animamos de ficar por ali, com aquele volume incrível de turistas. Seguimos então pra Tibau do Sul, lugar bem mais tranquilo e com uma lagoa linda. Apesar do terror dos caixas de Pipa, dizendo que a barra de Tibau era pior do que a de Cunhaú, demos a sorte de ver uma lancha saindo dela, que nos mostrou o caminho e entramos bem tranquilos. O Farmácia, um surfista paulista radicado há muito tempo no local nos recebeu muito bem tb e voltamos a Pipa para dar uma voltinha. 20 km no dia.



dia 28 - sábado

Saímos de Tibau do Sul, da casa do Farmácia, com tudo favorável: corrente do rio vazando pra fora e vento em popa de sul.ufa! rasgamos os mares com a vela cheia até as falésias de Tabatinga e paramos para um almoço e descanso. O mar já está bem mais tranquilo.

Tínhamos combinado de nos encontrar com um amigo canoísta de Natal, o Airton, na praia de Pirangi do Sul e já avistamos o carro e o caiaque em cima na praia de Tabatinga.

Ele acabou nos acompanhando num trecho entre Pirangi e a praia de Cotovelo e aí passamos pela Barreira do Inferno (base aeronáutica de lançamento de foguetes e treinamentos), cuja entrada e parada na praia é proibida.

Um helicóptero veio até dar uma olhada no "torpedo amarelo" que estava cruzando os mares da base militar!

Nessa tarde pegamos a maior ventania da viagem até agora e o mar estava totalmente a favor, fazendo as maiores velocidades da viagem: 16km/h! só diversão! Surfamos ondas tão compridas, que só ficávamos dando risada! Entramos no rio Potengi, em Natal, passamos por baixo da ponte gigante que vão inaugurar em breve e fomos recebidos por Airton e Ricardo, o diretor de vela do Iate Clube de Natal, que nos recepcionaram muito bem. Tivemos atendimento VIP e até lavamos o barco e os equipamentos. Obrigado a todos em Natal!

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541

E Airton até nos presenteou com o melhor hotel na viagem até agora. Na recepção nos perguntaram se iríamos usar o cofre e caímos na risada! só se fosse pra guardar o resto do provolone do almoço... Combinamos de sair a noite, deitamos um pouco pra descansar e quando abrimos os olhos, já tava de manhã... 58 km navegados. Pelo vento favorável, decidimos emendar 2 dias e tirar o domingo de folga em Natal.



dia 29 - domingo

Dia de folga!

Acordamos mais tarde, escrevi todo o diário atrasado, tomamos um mega café da manhã e fomos pra Genipabu, andar de sandboard.

Alugamos uma prancha e deu pra se divertir bastante. Inclusive filmamos até umas video cassetadas que ficaram bem boas!

Fomos almoçar num restaurante regional nordestino excelente, o Mangai. Fomos pro Iate Clube fazer os reparos na base da vela e conhecemos um casal de alemães, que já estão no mar desde 81, num veleiro de madeira inglês de 1928.

Eles são músicos e vão parando pelos bares da vida, pra tirar um din din e continuam a sua jornada por onde o vento os levar...

Pode ser que nos encontremos de novo em Fortaleza. Combinamos amanhã de passar no barco deles antes de sair.

Natal é uma cidade diferente, que os carros param pro pedestre passar e tudo foi planejado pelos americanos, que usaram Natal de base aérea na segunda guerra mundial.



dia 30 - segunda

Dia de fúria!

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



Aproveitamos o mega café da manhã do hotel e fomos pro iate clube arrumar tudo.

na saída passamos no barco de Stan e Cora, um casal alemão, que estão viajando há 26 anos. Várias risadas!

saímos do Porto as 10 e o vento já estava bem forte. Passamos abertos em Genipabu e fomos abrindo, para sair dos recifes e arrebentações que iam aparecendo.

Estávamos surfando onda bem grandes e o "expresso amarelinho" voando baixo de novo. Vimos umas tartarugas gigantes, como eu nunca tinha visto antes.

E pra dar uma emoçãozinha extra, o Agnaldo viu a nossa primeira barbatana negra passando como um torpedo pela gente. Era tanta onda, que o tububa nem percebeu o caiaque... adotamos a remada "horácio".

E aí o vento apertou mais ainda e já tava batendo nuns 30 nós e quase começando a borrifar. Aí a gente já tava até evitando de surfar, que as ondas estavam quebrando em cima da gente mesmo assim.

Chegamos em Caraúba cedo, dormimos na rede na praia mesmo. Chega de dar trabalho pro anjinho da guarda! 35 km



dia 31 - Juatinga abalroado

Já as 6 estávamos na água e o vento começou bem mais ameno hoje.

Resolvemos aproveitar as condições favoráveis e ver quanto conseguimos andar em um dia bom. Deu mais de 60 km no final do dia...

Paramos as 8 da manhã em Zumbi e tivemos a maior torcida até agora: uns 20 caiçaras querendo saber um monte de coisas... foi bem engraçado! Lá existem 62 geradores aeólicos.

Paramos no farol de Calcanhar para o almoço (o 3 maior do mundo), mas infelizmente não conseguimos ninguém pra deixar a gente subir. Aqui começa a BR101. Na saída, com vento já bem mais forte, desviamos de algumas pedras, quando tomamos um tranco de lado, quando eu vi que tínhamos atropelado uma pedra submersa. Não pareceu que iríamos afundar, mas o caiaque estava fazendo água.

Fomos até São Miguel do Gostoso e encontramos um mecânico faz tudo, que conseguiu consertar o rasguinho de 3 cm que fizemos no casco. Tudo pronto pra continuar amanhã. Ventos de 30 nós e 60 km.

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541





dia 1 agosto- Como o vento já estava favorável logo cedo, saímos meio na preguiça, já prevendo um dia de bom rendimento, como foi mesmo, uns 50 km em 5 horas de remo! Até hoje foram todos os dias de corrente e vento forte favorável.

Sábia decisão de ter invertido a rota, ufa!

Inventamos um rizo na vela (redução da área vélica, que já era pequena...) pra evitar uma possível quebra. Ela deve estar com uns 0,7m2 agora.

Paramos em Enxu Queimado para o almoço e batemos o record de público! Tinha uns 30 pescadores, crianças, cachorros, etc em volta do caiaque. Compramos umas frutas e bolachas locais (solda preta, parecido com o nosso pão de mel...) e partimos de novo, com aquela despedida clássica de todos acenando quando íamos embora.

Fizemos uma parada na ponta de 3 irmãos (ponto mais próximo da África) e dei uma caminhada numa estrada de areia que segue sertão adentro e deu pra ter uma idéia do que é o sertão atrás das praias. A areia estava tão quente, que era difícil caminhar, de tanto calor que irradia. Só espinheiros e vegetação rasteira. A praia parece outro mundo! Dormimos em baixo de umas jangadas paradas e continuamos até Caiçaras, que me surpreendeu pela beleza. Um farol no canto direito, uma pequena enseada com uma pousadinha onde dormimos, uma duna grande e à esquerda a cidade, até que grande (uns 4000 habitantes). A grande maioria vive de pesca e a tarde vimos um monte de barcos à vela voltando da pescaria em alto mar, a uns 80 metros de profundidade. Me chamou a atenção o tamanho dos peixes que eles traziam: eram agulhões de vela (o marlin), dourados e outros peixes oceânicos com mais de 50 quilos cada. Gigantes!

Outra pescaria preferida dessa região é a da lagosta, que é bastante rentosa. Paga-se R\$70 o kg da lagosta, o que está fazendo as lagostas escassearem. Apesar do controle do Ibama, que apreende os equipamentos e barcos se pescados exemplares menores que o especificado ou em época proibida, são pescadas lagostas bastante pequenas (4 dão um quilo), com ovas, o que não permite que ela atinja idade adulta e procrie. Problema sério aqui... Elas são pescadas com redes, com "covos" (armadilhas, que os pescadores não gostam muito, pois não rende muito, mas são liberadas pelo Ibama) ou com compressores, onde o mergulhador desce simplesmente com um tubo na boca e uma máscara. Vimos vários casos de pescadores seqüelados por acidentes com o compressor, por total desconhecimento de qualquer princípio de mergulho "autônomo", se é que dá pra chamar disso. Eles falam que o que dá problema é o choque de temperatura...

No por do sol tivemos uma surpresa! O sol se pôs no mar! Esse é um dos poucos lugares no Brasil onde isso acontece. Nasce no mar e se põe no mar.

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



Lindo! O pessoal daqui acho que nunca reparou nisso, pois não se ouve ou lê nada a respeito...

O litoral é virado para o norte e por aqui não chove mais, pois o vento SE passa por cima do sertão e seca completamente. Até um pouco antes de Natal, ele ainda vinha do mar e chovia todo final de tarde. Agora as roupas secam em 10 minutos! Dormimos em uma pousada. 50km.



Dia 2 - quinta-feira

Elegemos o dia de hoje pra tirar meio período de folga. Saímos tarde (as 8) de Caiçara e fizemos a primeira parada numa duna muito bonita, de uns 20 metros de altura e que chegava até o mar. Chegamos cedo em Galinhos. O vôlei de praia aqui é muito forte, quase mais forte que o futebol. Já não é a primeira cidade que se vê garotada jogando vôlei de areia de duplas e bastante bem, por sinal. Não é por acaso que as melhores duplas brasileiras hoje são nordestinas.

Daqui se avistam algumas salinas e plataformas de petróleo da Petrobrás. Me admirou encontrar uma internet! As ruas são praticamente todas de areia, mas a lan house já tem!

A Petrobrás faz alguns projetos musicais, esportivos e sociais na cidade. Já ouvimos várias meninas tocando flauta na rua.

Amanhã acordamos cedo, que será um dia longo.

Desde São Miguel do Gostoso para cá o mar está muito calmo, apesar da mega ressaca que está atingindo o resto do Brasil. Acredito que depois da "curva" do Brasil, as ressacas vindas dos sul não atinjam mais esse litoral.

Disseram que aqui o mar fica bravo mais no verão, quando as ondulações oceânicas atingem essa costa norte do Brasil. 30 km



Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



Dia 3 - sexta-feira - Encalhados!

Esse era pra ser um dia light...

Saímos de Galinhos lá pelas 6:30 e fizemos a primeira parada em Diego Lopes.

Entre a cidade e a praia existe uma lagoa extensa e muito bonita. Paramos até numa choupana de pescadores para dar uma descansada na sombra, muito bem vinda. Depois da curva para Oeste do RN, o vento começou a vir do sertão e o clima ficou muito mais seco, sem sinal de chuva ou nuvens. Até a paisagem ficou bem mais árida.

Continuamos por um trecho de águas bem rasas até Camapum, onde pretendíamos ficar. Já achamos estranho o acesso, que pra subir do mar pra vila (meio no meio do mangue), tem que se subir um barranco de uns 10 metros por uma escada, impossível com o nosso caiaque. Aí percebemos que Camapum é só a cidade balada de Macau. Só butecos, com som dos carros a milhão, um boiódromo de vaquejada atrás. Tudo o que a gente não queria. Apesar de cansados do dia longo e o dia chegando ao final, resolvemos tocar pra frente.

Passamos por áreas muito extensas e rasas, na beira de um mangue, quando de repente ficamos ilhados. Voltar contra o vento seria loucura, e dormir em algum lugar próximo seria complicado, pois o mangue todo se alaga na maré alta, isso sem falar nos maruins...Checamos a tábua de marés, que por sorte estava subindo e em breve a nossa ilha começou a sumir debaixo dos nossos pés. A água ia cobrindo tudo num ritmo impressionante. Aqui a variação de maré é de mais de 2,5 metros. Logo conseguimos nos desvencilhar e voltar a navegar em águas mais profundas. Ainda tínhamos uma hora de luz, quando vimos que não íamos chegar em Ponta do Mel mesmo e resolvemos desviar em direção a umas dunas à esquerda, que foi o local mais bonito de toda a viagem, até agora.

Totalmente deserta, essa área de preservação se chama Costinha, perto de Porto do Mangue e é mantida por uma empresa de sal.

A refeição saiu um pouco "crocante", pois a areia fina voava por todo lugar, com o vento forte da noite. 62km.



Dia 4 sábado

Acordamos com a barraca cheia de areia e tomamos o café da manhã dentro do mar, pra evitar a areia voando.

Demos uma volta pelas dunas e vimos pegadas de gatos selvagens, mãos peladas e muitos outros animais. Valeu a pena! Queríamos até passar um

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



dia de folga lá, mas a areia voando por toda parte nos expulsou de lá. Alívio quando voltamos pro mar, sem areia voando na cara o tempo todo. Paramos em Praia de Rosados, que tem uma falésia vermelha, provinda da areia do sertão que encosta no mar, misturada com dunas de areias brancas. Bem interessante.

Continuamos até Ponta do Mel, onde visitamos o Farol, em companhia do faroleiro Souza. Dormimos em uma varanda e fizemos amizade com um monte de bêbados, drogados, padres, etc... as 3 da manhã os pescadores se reúnem exatamente na frente das nossas redes, pra sair pro mar. Reunião em volta do caiaque, pra tentar descobrir o que era aquilo... alvorada forçada... 20km



Dia 5 domingo

A frase que mais ouvimos nessa viagem foi "mas é muuuita coraaagem!" teve outras como "mas onde fica o motor???" ou "e ganha dinheiro pra fazer isso?". Tentar convencer alguém por aqui, que vc faz isso só por diversão é tarefa quase impossível...

Fizemos uma parada em Ponta Redonda e Ponta do Pintado, que tb eram pequenas baías muito bonitas, de conchas e água clara. Paramos as 11 em Areia Branca, com um monte de crianças curiosas, que queriam saber tudo sobre tudo.

Ficamos um bom tempo nos divertindo com eles, tirando fotos, fazendo entrevistas, etc. Areia Branca é o maior produtor de sal do Brasil e ele é exportado por navios grandes, que param num porto - ilha em alto mar (pela falta de profundidade da costa para navios), abastecidos por 8 a 12 barcaças (que já são navios!) Resolvemos tocar reto até Tibau, divisa com o Ceará. Hoje passamos a nossa última noite no Rio Grande do Norte. Foram 400 km de costa potiguar.

Tibau é dividida na parte potiguar e cearense por uma pedra em forma de proa de navio, que fica na praia, no meio da cidade. Arranjamos um belo "alpendre" (varanda) de casa de veraneio pra dormir. Os donos, que estavam voltando pra casa, deixaram até alguns ovos com a gente, que viraram ovos mexidos no café. 45km

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



dia 6 - segunda

Passamos para o último estado da expedição, o Ceará. As ondas estão bem menores e o vento de manhã é mais brando, ficando bem forte depois do meio dia.

A idéia inicial era ir pra Canoa Quebrada, mas depois de ver o visual de Ponta Grossa, mudamos de idéia e resolvemos até ficar um dia a mais descansando no lugar.

Falésias enormes todas coloridas, vermelhas, amarelas, laranjas e brancas e uma mega duna de uns 120 metros de altura, que vai parar quase no mar. A pequena vila de Ponta Grossa fica entre árvores e vc não ve casa nenhuma do mar. Devem morar umas 200 pessoas apenas no lugar.

Na maré baixa começa o movimento dos buggys que vem com turistas de Canoa Quebrada, geralmente gringos.

Muitos vem velejar de kite surf, já que aqui o que não falta é vento! Ficamos na pousada Canaã (R\$35 p/ 2) do seu Jonas(só faltou a baleia!), cuja família toda é muito gente boa.

Até agora foi o lugar mais bonito da viagem. No final da tarde ainda subimos nas dunas e pegamos um pouco de chuva (só por que eu falei que não chovia faz tempo), o que gerou um mega arco íris lindo. Pena que estávamos sem a camera fotográfica!

Muitos dos caiçaras aqui são descendentes de holandeses e se vê bastante loirinhos. As plantações de cajú se perdem de vista em direção ao interior. 45km



dia 7 - descanso

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



Remendamos outro furo no barco, ocasionado por arrastar o barco carregado na areia, pois o Juatinga já tem mais de 3000 km navegados... uma hora precisa de um ou outro reparinho!

Emprestamos um skibunda e fomos descer as dunas e mergulhar um pouco, pra ver se achávamos alguma lagosta, mas não achamos nada!



dia 8 - quarta

Saímos com a maré muito baixa e tivemos que carregar tudo até a beira da água, que estava já quase em Canoa Quebrada!

Chegamos as 11 em Canoa, que é uma cidade bem turística (tomada pela CVC), com baladinhas arrumadas e vida noturna agitada. Como o nosso caixa estava baixo e não conseguimos sacar dinheiro em Canoa, tivemos que pegar uma van e ir até Aracati, pra encontrar um banco.

A tarde o vento ficou bastante forte, de través, o que fez complicar um pouco a navegação e nos fez parar um pouco antes da foz do rio Jaguaribe, que estava enorme, com ondas desencontradas e grandes. Resolvemos parar um pouco antes de Fortim, antes da foz do rio, pra não correr um risco desnecessário.

Acabamos acampando numa praia deserta e comemos areia pacas! Ventou tanto, que eu simplesmente não conseguir dormir na rede, que ficava chacoalhando no vento. As 2 da manhã desisti da rede, enrolei um pano na cabeça, entrei no saco de dormir e quando acordamos, quase tínhamos virado uma duna! 40km



dia 9 - quinta

Sem vento a barra do rio Jaguaribe já estava bem mais bonitinha e não deu muito trabalho pra sair.

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541

Salvo uma onda marota, que nos pegou totalmente desprevenidos, quando descansávamos parados na água.

Quando ouvimos o barulhos dela, deu só tempo de pegar o remo e fazer um apoio e descer a onda de lado a toda. Sorte que ela logo se deformou e ficamos dando risada do banho que tomamos. Estávamos parados em cima de uma laje de pedra e nem percebemos!

Chegamos as 12 em Uruaú e ficamos descansando o resto da tarde. Daqui era mestre Gerônimo, jangadeiro que navegou com outros colegas de pesca até o Rio de Janeiro em uma jangada, há mais de 20 anos atrás. Ele virou uma espécie de lenda do nordeste. Em 1940, ele mais 3 companheiros velejaram numa jangada de Fortaleza ao Rio (2400km) e acabaram virando um filme de Orson Wells. Um dos jangadeiros, Jacaré, morreu afogado no Rio, numa capotagem da jangada. É uma história bem interessante de ser pesquisada... [http://jangadanantes.free.fr/4homjang\\_br.htm](http://jangadanantes.free.fr/4homjang_br.htm)

Faltam praticamente 100 km pra Fortaleza, nosso destino e provavelmente iremos topar com praias mais movimentadas daqui em diante. 45 km



Dia 10 - sexta-feira

Esse foi o dia mais curto da viagem! Remamos 10 km e paramos em Morro Branco, pra dar uma olhada no artesanato de areia em garrafas (que se chama silicografia). Encontramos o Maílson, um dos feras do local, que já foi expor até em Portugal e Espanha, que fez o Juatinga dentro de uma garrafinha pra nós. Impressionante a técnica e precisão desses artesãos! Aí conversando com pescadores, como já estávamos curiosos pra conhecer a vida dos jangadeiros, nos engajamos num dia de pesca. Amanhã sairemos com mestre Eliézio e seus parceiros "Ó" e "Mão Branca" às 6 da manhã. Resolvemos dar mais um dia de folga. Por aqui os estrangeiros (portugueses e italianos) estão literalmente comprando tudo e construindo resorts e hotéis pra estrangeiros, que vem atrás do sol, que não falha, praias e infelizmente turismo sexual. 15km

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541



Dia 11 - sábado

Dia de pesca! Saímos as 6 da manhã, depois de ter aprontado as iscas dos manzuás (armadilhas de lagosta), as velas da jangada, remos, cordas, ancora e tudo o que se precisa pra uma pesca. Parece uma corrida maluca. O sol ainda nem se levantou e a praia fica toda agitada pelos pescadores preparando as jangadas e se lançando ao mar. Eles pescam a uns 30 km da costa, onde só se avista as serras mais altas do continente, 2,5 horas de navegação mar adentro. Saímos com ondas já crescidas e o vento apertou bastante durante o percurso (25 nós). Ondas varriam a jangada a toda hora e a habilidade do mestre é fundamental pra não deixar a jangada virar. A jangada tem por volta de 5 a 6 metros (30 palmos), uns 400 kg e apenas uns 70 cm de altura, oca por dentro, onde os pescadores botam as coisas que não podem molhar e dormem tb. Apesar de aparência frágil, de frágil ela não tem nada. É totalmente adaptada pras condições de vento e ondas fortes e vale em torno de R\$10.000. A de mestre Eliézel tem 15 anos de idade e vai pra água quase todo dia! Toda a manobra virar de bordo é bastante trabalhosa, mudando-se o mastro e vela de posição, sobe bolina, vira leme, etc. Tentamos recolher os manzuás, mas como o vento estava forte demais, resolveram pescar antes. O Agnaldo, que já estava meio enjoado por causa do mar revolto, resolveu aceitar a sugestão do Eliézel e foi dormir no porão. Em 1 minuto a tampa saiu voando e o Agnaldo assumiu aquela posição não tão nobre, na beira da jangada ajoelhado, dando comida pros peixes.

Ficar em pé na jangada com todas aquelas ondas já era tarefa árdua, mas os pescadores fazem tudo como se estivessem em terra firme! Pescamos moréias, barracudas pequenas e outros peixes da região, quando chegou a hora do rancho. Garapa de rapadura pra tomar (água, rapadura picada e um limão) e o famoso pirão, preparado em cima da jangada com um braseiro dentro duma panela velha, mesmo com todo o pula-pula e ondas varrendo o convés. Um cozido de peixes recém pescados e temperos já preparados antecipadamente, farinha de macaxeira com caldo de peixe, que vira o pirão, tudo comido com a mão mesmo. E tava bom!

A tarde, conforme a previsão do mestre Eliézel, o vento amainou e pudemos recolher mais 6 lagostas dos 12 manzuás deixados há 3 dias atrás. Impressionante como eles conseguem encontrar pequenas bóias de isopor no meio daquelas ondas, somente se guiando pela topografia do relevo, distante há mais de 30 km. Isso sem falar no perigo de ser atropelado por um navio cargueiro, que não consegue enxergar a jangadinha. Realmente só vivendo um dia com eles pra dar valor pra profissão de pescador jangadeiro. Isso não é profissão pra qualquer um não! Pode acreditar! Os caras são heróis!

**Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico**

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541





Dia 12 - domingo  
Fortaleza à vista, capitão!

Saímos as 7 da manhã e as 12 já tínhamos feito 40 km até Prainha, onde teoricamente ficaríamos. Como já começa a parte urbana de Fortaleza, Beach Park, som a milhão e tudo mais, resolvemos acelerar tudo e tocar direto pra Fortaleza mesmo. Dia recorde: deu quase 70 km, com vento e ondas fortes em popa. As 5 atravessamos o quebra-mar do porto e entramos no Iate Clube de Fortaleza. Nosso destino estava alcançado! Foram 22 dias no mar e 820km remados.

Foi muito boa a sensação da viagem cumprida, muitas experiências vividas, pessoas especiais que conhecemos e a grande hospitalidade dos pescadores e caiçaras do Nordeste, que nos marcou muito. Obrigado a todos!

E o "Juatinga" repousa feliz nas areias do Iate Clube, com um belo por do sol cearense ao fundo.

Esse realmente é um barco feliz...



Texto Fuchs  
Fotos Agnaldo e Fuchs

Aroeira Outdoor – viagens e cursos em caiaque oceânico

[www.aroeiraoutdoor.com.br](http://www.aroeiraoutdoor.com.br)

11 4402 1541